

AS ANDORINHAS de Campinas, Correio Popular, Campinas, s.d.

## Nossa Terra Nossa Gent

# As Andorinhas de Campinas

*Correio Popular*

As nossas andorinhas que se foram, deixando saudades, e um nome — Largo das Andorinhas, simbolizaram por muito tempo o encanto desta cidade e a graça das normalistas de outrora, cujos uniformes eram azuis e brancos. Mas até os uniformes mudaram para um branco e cinzento, inexpressivo. O antigo Mercado, bem defronte à Escola Normal, foi demolido, rasgando-se em seu lugar um Largo, com um tanque e gramado, e a um canto um monumento às saudosas aves, obra do escultor Lúcio Coluccini.

Recordo-me, de quem em torno do antigo Mercado, que se tornou Casa das Andorinhas, havia um ponto de carroças, e além um bebedouro. Tudo isso desapareceu, varrido pelo progresso. As andorinhas ficaram na saudade e na lembrança dos que ainda delas se lembram, evocando como, de manhã e à tarde, em revoadas, espetaculares, cortavam o céu, e enchiam o ar com seus chilreios.

Mas hoje, queremos evocar as andorinhas, comentando as interpretações de dois grandes homens de letras, ligados ao Centro de Ciências Letras e Artes: Alberto de Oliveira e Rui Barbosa. Prendem-se, portanto, estes comentários, à série de trabalhos e pesquisas que estamos realizando como homenagem ao septuagésimo aniversário do CCLA, ocorrido precisamente no dia 31 de outubro p.p.

Alberto de Oliveira, primoroso poeta, dedicou As Andorinhas de Campinas extenso poema, publicado nos n.ºs 44 e 45 da Revista do Centro de Ciências Letras e Artes, em 30 de setembro e 31 de dezembro de 1916, sendo Redator-Gerente, o ilustre intelectual Alberto de Faria. Sendo longo o poema, transcreveremos apenas alguns fragmentos:

"Andorinhas do céu de Campinas, viageiras,  
Dos descampados do ar, na terra em que as palmeiras  
São mais verdes e o azul mais diáfano, jamais  
A tarde esquecerei, em que, a voar festivas  
Sobre a vossa cidade e as árvores vizinhas  
Vi buscardes do repouso, ó leves andorinhas!  
Andorinhas do céu! Almas dos que nasceram  
Na cidade querida, e exilados morreram  
Longe dela. Quem pode, olhos abrindo à luz,  
Na terra onde, do sol à flor, tudo seduz,  
Vendo-te e aos teus jardins, arrelvadas colinas  
E vales, esquecer-te, ó formosa Campinas?

Também de alguns, a quem, hóspedes, receber,  
Em teu seio quise, a aflição em prazer  
Lhes trocasse e em sorriso a lágrima, ou gemido,  
Nestas aves talvez torna reconhecido  
O espírito, a lembrar a ventura fugaz  
De horas, que tôdas viu se lhe escoarem em paz.  
Repouso, lhano achego e serena alegria,  
Possa eu como estes ser! Possa minh'alma, em dia  
Que o coração me diz não vir longe, talvez,  
Também aqui tornar e ver-nos outra vez,  
ANDORINHAS do céu de Campinas! Vestida  
De penas, como vós, os momentos de vida  
Aqui vividos, possa acaso recordar;  
Douteje, como vós, na pureza deste ar,  
Sobre a cidade e sobre as árvores vizinhas  
Convosco paire, à tarde, ó leves andorinhas!  
E no pouso convosco, à hora em que a noite vem,  
Durma e sonhe feliz — andorinha também.

Quando a Rui Barbosa, por duas vezes teve o CCLA a honra de recebê-lo. A primeira vez, em 20 de dezembro de 1909, quando Conselheiro, tendo então o insigne brasileiro deixado esta impressão no livro dos visitantes: "E' com verdadeira emoção d'alma que entrei hoje nesta casa, e escrevo o meu nome neste livro, onde tantas homenagens de alta justiça tem rendido homens eminentes a este notável Centro da nossa cultura intelectual."

Em 24 de junho de 1914, pela segunda vez, ele visitou a



CCLA, sendo saudado pelo orador oficial dr. Lino Leme, e tendo proferido belíssima oração de agradecimento. Visitou devagar alguns pontos da cidade, e deteve-se maravilhado ante o espetáculo da volta das andorinhas. Escreveu, então, talvez, a mais bela página de nossa língua:

"Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já vem surgindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam, e se recruzam, já se encontram e circulam; já se condensam, e escurecem. Era um grupo, e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, como os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteadas de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario, e, ao cabo, arfando, e remoinhando, turbilhando e restrugindo, como o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas de milhares pendem, mergulham, e desaparecem, numa imensa curva borboalhante, por sobre o largo telheiro abandonado, que essa aérea multidão erradia elegeu entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão."